

RELATÓRIO

Car. Estado da 2a Inspeção Regional de Serviço de Proteção aos Índios, no Pará.

Faz-se as vossas mãos para os devidos fins, e apresenta, que de acordo com as instruções determinadas por V. Sa., no Ofício de Serviço nº. 70, para ir em Jacaré-Açu, no rio Tapajós, afin de verificar aproximadamente das silviculturas caiapós, tendo a informar e que a seguir passo a discriminar:

Handwritten signature/initials

I) Na Jacaré-Açu, a margem direita do rio Tapajós, os habitantes seringueiros me informaram no dia 23 de setembro que varios silvicultores, que passaram por "Bragança" em Caiaçós por ali rumavam oriundo dessa zona em um acidente terrível entre todos, que suspeitavam que fossem atacados por apalcos índios. Realmente haviam diversos vestígios por onde ditas silviculturas tinham passado, mas não demonstraram aparecer em caráter hostil. Na Jacaré-Açu da margem direita do Tapajós há as instalações e armazém ou barracão com gêneros alimentícios da Brasil Central, e por segurança foram tomadas as providencias necessarias com o intuito de pessoal no dito barracão para evitar que os silvicultores e seringueiros. O Sr. Dr. Frederico, Engenheiro da Brasil Central, que está tirando uma picada para uma estrada desde Jacaré-Açu para a cachoeira do Igarapé Cabitani, informou que os caiapós passaram proximo de seu ponto de dito Dr. Frederico, sendo pela dita picada deixaram a seguinte silvicultura:

II) Na margem direita do rio Tapajós, no est. chamado Igarapé Carapicaba, no lugar denominado "Carimão", a nove (9) quilômetros do barracão da Brasil Central e a dois quilômetros da foz do dito Igarapé, encontra-se o seringueiro Sr. Gonçalves da Silva, conhecido por Dico, que as dezesseis (16) horas de dia 23/9/86, caíram varias silviculturas que presume ser caiapós, tendo pousado na casa de farinha e carregado um punhado com 30 quilos desse genero, e nesse momento dois dos ditas silviculturas ficaram assentadas na prensa da casa de farinha tendo elas, seringueiro Sênior Gonçalves da Silva (Dico) corrido e pegado numa espingarda de cartucho dando-lhe uma tiro nos dentes índios, tendo ficado varias peças de sangue. Segundo informações locais de todos que foi morto um daqueles índios. No dia seguinte o aliado seringueiro Dico saiu com a fôr, verificando vestígios por toda parte por onde trilham os selvagens. Os ditas silviculturas não apareceram naquela local em caracter de hostilidade, apenas



191

Foto de uma peça (costú ou sabaça) com um saquito de pelha

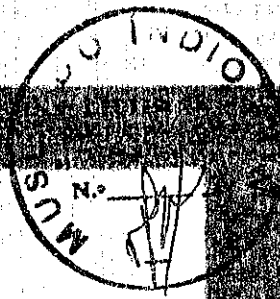


de pelha, usada pelos índios nativos em Maracá, cuja peça costura que os seringueiros conseguiram junto a outras quando ficaram assu e atacados a tiros nos ditos vilarejos, sendo isso no dia 13 de julho de 1956, nos arredores de Rio Branco (Alfama de Tapajó), onde seringueiros são da Alta Tapajó B/A.

de pelha, usada pelos índios nativos em Maracá, cuja peça costura que os seringueiros conseguiram junto a outras quando ficaram assu e atacados a tiros nos ditos vilarejos, sendo isso no dia 13 de julho de 1956, nos arredores de Rio Branco (Alfama de Tapajó), onde seringueiros são da Alta Tapajó B/A.

Foto de uma peça (costú ou sabaça) com um saquito de pelha de pelha, usada pelos índios nativos em Maracá, cuja peça costura que os seringueiros conseguiram junto a outras quando ficaram assu e atacados a tiros nos ditos vilarejos, sendo isso no dia 13 de julho de 1956, nos arredores de Rio Branco (Alfama de Tapajó), onde seringueiros são da Alta Tapajó B/A.

01/191



1953

em razão de serem de famílias para... (text is very faint and partially obscured)

III) A empresa ALTO TAPAJÓ S.A. que explora a barragem de São João... (text is very faint and partially obscured)

Handwritten notes in the left margin, including a signature and some illegible text.

IV) No dia 5 e 6 de referência... (text is very faint and partially obscured)



...aproveitaram transferido de volta ao lugar Fimetal. Continuaram viagem (12 dias) dos pontos
 ditos acima inclusive os (12) índios mencionados, de lugar Tabakari encontraram um
 gurguia ou ponto que os ditos índios Gaiapós ignoravam. Depois pelas vestígias que /
 as dificuldades continuaram a viagem até ao encetar do dia 12 de julho, quando
 viram fumaça de fogo feito pelos ditos índios Gaiapós, e acharam convenientemente se aproximaram
 rumo deles em um lugar de acampamento, à noite de 12 aringueiros muito convenientemente /
 foram para o ponto tomando posições de ataque até que conseguiram se aproximarem ficando
 de bem perto, escondendo-se pelas folhagens das pais. Todos gritando no chão, eis que
 um dos homens foi ferido no dedo da mão por um ferulhão (moandira), a dor foi tamanha
 que quase ele caiu, mas, superou. Ao 5 (cinco) horas da manhã, mais ou menos, já no dia
 13, todos os aringueiros já de postura feita para os índios, um dos índios, que presunha
 se ter sido o chefe, levantou-se e dá voziferando o sinal de alerta para se levantarem
 para a viagem, eis que, subitamente, surge o ataque pelo tiro de pistolas nos ditos índios /
 pagados de surpresa pelos ditos 12 (doze) aringueiros. O tiro de pistola foi com tanta rapidez
 e precisão, que os índios semi-acordados, é bem possível que pensassem que ardissem alguma
 coisa, tendo sido mortos barbaramente 20 (vinte) pessoas dos ditos índios, conforme notícias
 espalhadas pelos próprios aringueiros atirantes. Quando ditos aringueiros chegaram ao
 Fimetal de sua emboscada, satisfeitos pelos êxitos de sua missão, convenientemente amarra-
 ram e que praticaram. Os índios emboscados e espantados, alguns escaparam a tiro.
 de tiro de pistola, ilhoses digo saindo ilhoses e outros correram baldados e perdendo sangue
 tida corrente é que mataram 20 (vinte) daqueles índios, e como prova disso se aringuei-
 res criminosos tiraram do labio inferior de varios índios, um disco de casca de castã
 que caracteristicamente usam, e trouxeram junto a bordunas (cabeças) e outros objetos de
 uso dos próprios índios, esse seja casaca ou coité que serve para depósito de umam por-
 ra enfiteca. Em S. João, povoado próximo a Fimetal, o Sr. Regio Pinto, tem um disco labial
 que os índios o chamam de "MOKAXI"; a gerencia da Alta Tapajós S.A. tem uma borduna,
 também castã; um dos empregados da dita empresa Alta Tapajós S.A., de nome ESTEVÃO
 LOPES, residente a rua S. Francisco, n.º 152, em Salda de Parícuti em uma casaca de castã,
 com penas brancas, em ses interiores, que também pertencem a aqueles indigenas, cujo objeto
 vi em sua casa e que ele próprio mostrou-me e que e fotografado e tirado de dentro de um
 quimo das ditas penas. Segundo informações prestadas pelo Sr. ESTEVÃO LOPES, que tem, como
 acima que se presta as referidas informações no presente, e qual é residente no povoado
 povoado de S. João (Tapajós), o empregado da referida firma Alta Tapajós S.A., ele mesmo
 e sr. David Arruda Gomes, gerente da mencionada firma Alta Tapajós, tem um ponto

Handwritten signature or initials on the left margin.



1915

REGISTRO EM ABRIL 1914

Deste ponto saiu para os rios; tiveram ditas espingardas e outros objetos civis e militares em suas
 mãos, com alguns em espingarda colada ao, de cartuchos, duas (2) peças
 de ferro; malas de couro com leite de berracha e faca de madeira espingarda, em
 conformidade com as notícias circulantes na região de Tapajós e informações dadas por
 o dito Sr. Luís Lourenço (empregado da Alto-Tapajós S/A), os materiais adquiridos /
 pelas ditas "Barracas" ou colado, mencionados no presente, os dize (13) ditas esping
 ardadas e outros objetos receberam em barraca das ditas aldeias, sendo que
 nesta parte das aldeias objetos receberam-se ficando parcialmente inutilizados, assim
 as peças de fuzil e cartuchos de espingardas. Conta que caso não foi possível de
 tos espingardas da Alto Tapajós, tiveram de voltar toda a material que as
 índios levaram, até vir-se forçados a destruí-los no próprio local da aldeia
 que praticaram nas ditas aldeias. Os índios não tiveram tempo de se defenderem,
 e a verdade é, que os espingardas em apreço, estavam que haviam estado em
 mãos de índios. Mas que os espingardas estavam chegando a contar com a ajuda
 de um dos fogos feitos pelas índios a noite, vinte e seis (26) membros do
 do grupo indígena. Esses aldeias não apresentaram em atitude beligerante nem /
 ameaças de povoado Foz de Iguaçu, apenas, encontrando e barracão isolado e despro
 tegido de vigia expuseram a porta no transcorrer da noite e se utilizaram dos
 objetos citados anteriormente, pois um caso caso não se encontra em mãos de
 civilizado de nossas aldeias, que ficando qualquer caso comercial em proteção em
 invadida pelas mesmas. Se dita barracão da Alto Tapajós estivesse com vigia
 local, é claro que não teria sido aqueles materiais levados pelas índios.

Handwritten notes and signatures on the left margin.

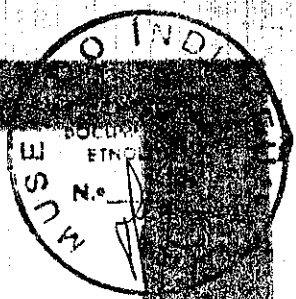
8. Sobre omissões as que praticaram estas, de natureza aos índios, é que
 nem nos rios Aingá e seus igarapés (riachos). Alguns espingardas tem sido en
 contradas caçadas nas aldeias indígenas. Os aldeias que vivem em
 aldeias e guerrilhas com espingardas, são ditas a partir de 1906 para
 os espingardas e espingardas com as espingardas cada um das aldeias igarapés
 utilizando as aldeias de caçador, tiraram mal e pescaram nas proximidades dos
 rios para uso, naturalmente vão os aldeias, e novas regiões, juntamente com
 os produtores extrativistas do barracão de caça, espingarda e outros, de
 de-se os abateu entre outras partes. Os índios que aparecem nos rios Inari, Gu
 raí, Juruá, e margem esquerda do Tapajós, são os "Mundurucú" (Cala; é em Ba

INDI
D N.º
M
1984

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

ção) os que surgem no baixo Iriri, entre este e o Kiangi, é um grupo de crianças conhecidas por "HERALDOS", e também, vem por outra parte nos altos rios Iriri, Curuí e Tapajós o grupo "Mankramenti". Essas silvícolas vivem divididas em grupos e vivem incompatibilizadas entre si, isto é, uns com os outros, ao ponto de se degradarem esses índios, hoje muitas guerras, fazem crianças que ficam sem os pais que a elas passaram os castigos e mataram. O mesmo acontece com as crianças de mamões ou crianças que estão ficando sem seus pais, pois os siringueiros costumam atacar e assassinar porventura os habitantes das selvas. Essas siringueiros não tem compaixão daquelas crianças que ficam sem pais para cuidar e pensar. Pode-se dizer que é uma guerra que só se acabará quando a Comissão de Proteção aos Índios pacificar estes índios. Eles já estão lutando por uma questão de honra. Vivem revoltados com as barbaridades cometidas pelos siringueiros b) outra causa, é a das terras. Os Mankramenti vivem quasi encerrados, pelas ladeiras de Kiangi e alto de nome até e alto Tapajós, não são podem viajar, porque existem os outros índios de outras tribos diferentes de suas costumes, das quais não infalivelmente, daí o motivo de brigarem com os siringueiros dos rios Iriri, Curuí e Jamari que os aproximam das aldeias dos ditos Mankramenti. Essas índios em risco da própria vida rochassaram os siringueiros dos rios Curuí até e Jamari, sendo mortos totalmente. Muitas vezes os siringueiros invadiram aquelas terras tendo sido reconquistadas pelos próprios silvícolas Mankramenti, fazendo-lhes, muitas vezes, as próprias siringueiros tanta com ditos silvícolas seus inimigos. Essas índios são vagando, porque de fato vivem nas selvas, como o estado chama-se estado de liberdade) porque não se sabe, mas se entende logo que há um salvaguarda de os siringueiros (crianças ou civilizadas), se quais tem invadido as aldeias dos índios e seguradas as crianças pelas punição para cima e cortado-as de Kacha ou torção pelo meio, enquanto isso, os índios não matam as crianças dos siringueiros e fazem cuidadosamente alimentando-as pelo cozinho e fava com leite de castanha para sua alimentação e se chegar lá são entregue a índios que dão-lhes de manter e se criam com muito carinho. Os Mankramenti já reportaram mais de vinte crianças entre os rios Iriri, Curuí, até e Tapajós, muitas das quais vivem no mais delas já adultos e assimilaram todos os costumes dos mesmos. Salvi uma relação agora no Tapajós de várias crianças dos siringueiros que foram reportadas por ditos Mankramenti. Há à dia, ao menos, vai se tornando

W. V. ANDRADE

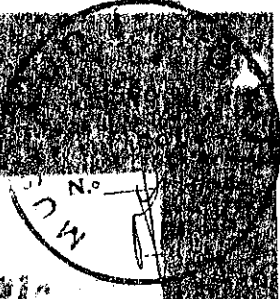


1931.

INDIANISMO DA AMÉRICA LITORAL

mas negra para o lado dos civilizados. Muitos outros casos, as as mesmas feições feitas pelas aringueiros em civilizados, a poucos anos passados, como o atual caso de Pinda, tal; em Vitoria, por onde há 40 quilômetros de Altamira veiram diversos índios pacificamente e os habitantes dali os chamaram por eles dentro de um quarto de hora e seguiram-se tratando nove índios e outros fugiram em São Paulo de Grande, no Rio de Janeiro um grupo de índios trouxeram uma pedreira de farinha de mandioca e os aringueiros lhes ofereceram comestíveis (9); no aringal de Nalá, digo, Belo-Horizonte (Rio de Janeiro) um outro grupo veio e os aringueiros mataram dois (12) e muitos outros casos de assassinatos sem side os ditos índios vítimas nesses lugares. Quando acontece de um índio ser atacado e em legítima defesa matar um aringueiro, os jornais e rádios e fuzos divulgam por toda parte, mas, o pobre silvícola não tem essas vantagens de divulgação para conter os crimes que lhes acontecem de mercenários que os aringueiros lhes praticam nas ocultas selvas. É de conhecimento geral que a muitos anos que os Guajará passaram muitas de fome e mágoas que em as lutas com os aringueiros adquiriram. Os índios legítimos já viram que suas armas primitivas são deficientes para suas defesas diante das mortíferas armas de fogo e por isso vão pouco a pouco se unindo com os melhores armas dos mesmos índios. É de conhecimento geral que a muitos anos que os Guajará passaram muitas de fome e mágoas que em as lutas com os aringueiros adquiriram. Os índios legítimos já viram que suas armas primitivas são deficientes para suas defesas diante das mortíferas armas de fogo e por isso vão pouco a pouco se unindo com os melhores armas dos mesmos índios. É de conhecimento geral que a muitos anos que os Guajará passaram muitas de fome e mágoas que em as lutas com os aringueiros adquiriram. Os índios legítimos já viram que suas armas primitivas são deficientes para suas defesas diante das mortíferas armas de fogo e por isso vão pouco a pouco se unindo com os melhores armas dos mesmos índios. É de conhecimento geral que a muitos anos que os Guajará passaram muitas de fome e mágoas que em as lutas com os aringueiros adquiriram. Os índios legítimos já viram que suas armas primitivas são deficientes para suas defesas diante das mortíferas armas de fogo e por isso vão pouco a pouco se unindo com os melhores armas dos mesmos índios.

1931



diante das condições de situação dos grupos indígenas nos rios Iriri e Guráí.

VI. O RESPONSÁVEL a construção de dois campos de pouso para aviação na região dos rios Iriri e Guráí à fim de poderemos efetuar as pacificações dos indígenas das aldeias de ~~El-Humberto-Humberto-Humberto~~, com muita brevidade, pois, em certos locais grupos que vivem hostilizados e ameaçados pelos seringueiros, sobre todos aqueles dos rios Iriri-Guráí-Jurachio-Tepajé. Para conseguirmos pacificar estes indígenas temos que ter tudo bem organizado, isto é que as viagens destinadas a estas regiões não sejam interrompidas, pois não há saúde em época de epidemia de miltária e fraco de todos trabalhos feitos, tendo-se que fazer-se ou começar-se novas viagens quando sair outras viagens e assim por diante. Tendo que encará estas dificuldades na região, devido as dificuldades nas épocas de rios secos, por isso, é preciso a construção dos referidos campos de aviação. Na responsabilidade cabe a execução pelos trabalhos de pacificações e garante executá-las, sem ser preciso utilizar-se de gente sem conhecimento de serviços de pacificações, como é Sr. Luciano de Gante e o Sr. Fernando Fesche, os quais vivem unicamente interesses particulares, assim digo porque tendo base para tal, como sejam e Sr. Luciano de Gante já deu prova para tal, porque na qualidade de preparador dos trabalhadores das Pestes das Cabaças, Guráí e Riba Yacamba não concluiu e pagamento aos ditos trabalhadores por ter servido estes indigenas, conforme documento de declarações que temos em uma data pelo Sr. Luciano de Gante; O Sr. Fernando Fesche já foi encarregado de direção de uma turma de Tocantins e fracassou e ultimamente está encarregado de levar as novas aldeias, mas, seu objetivo é para ver se vende um terreno de S.P.A. que compra por um preço, como já sabemos, isto é, não quer que se perca a oportunidade de se fazer pacificação de grupos calpé e só servem para desperdiçar dinheiro. Não há máxima urgência em iniciar os trabalhos de pacificação dos indígenas grupos Iriri e Guráí, mas não com gente dessa laia. Já fiz a pacificação dos ~~EL-HUMBERTO~~ e tenho as experiências necessárias para realizar a dos outros grupos indígenas dos rios Iriri e Guráí, conforme as experiências do distinto Sr. Diretor do S.P.A., Sr. ~~...~~ Assin.

Com protestos de apreço, as melhores condições de serviço
 Balan de Pará, 24 de outubro de 1956
 [Assinatura]